

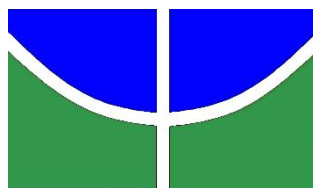
**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

MARIA FERNANDA FRANÇA DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DE LEITURA COM BEBÊS E O MÉTODO NATURAL DE FREINET:
CONEXÕES ENTRE ESCUTA, AFETO E LIVRE EXPERIMENTAÇÃO**

BRASÍLIA - DF

2025



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE MÉTODOS E TÉCNICAS**

MARIA FERNANDA FRANÇA DE OLIVEIRA

**PRÁTICAS DE LEITURA COM BEBÊS E O MÉTODO NATURAL DE FREINET:
CONEXÕES ENTRE ESCUTA, AFETO E LIVRE EXPERIMENTAÇÃO**

Trabalho Final de Curso (TFC) apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Gomes de Almeida.

BRASÍLIA-DF

2025

**PRÁTICAS DE LEITURA COM BEBÊS E O MÉTODO NATURAL DE FREINET:
CONEXÕES ENTRE ESCUTA, AFETO E LIVRE EXPERIMENTAÇÃO**

Trabalho Final de Curso (TFC) apresentado ao curso de graduação em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, como exigência parcial para obtenção do grau de licenciada em Pedagogia.

Orientadora: Profa. Dra. Sheyla Gomes de Almeida.

Aprovado em 10 de setembro de 2025.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Sheyla Gomes de Almeida – MTC/FE/UnB
Orientadora

Profa. Dra. Monique Aparecida Voltarelli – MTC/FE/UnB
Examinadora

Profa. Dra. Paula Gomes de Oliveira – MTC/FE/UnB
Examinadora

Profa. Dra. Viviane Fernandes Faria Pinto – MTC/FE/UnB
Suplente

CIP - Catalogação na Publicação

OO48pp Oliveira, Maria Fernanda França de.
Práticas de leitura com bebês e o método natural de Freinet: conexões entre escuta, afeto e livre experimentação. / Maria Fernanda França de Oliveira;

Orientador: Sheyla Gomes de Almeida. Brasília, 2025.
37 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação - Pedagogia)
Universidade de Brasília, 2025.

1. Educação Infantil. 2. Pedagogia Freinet. 3. Literatura. 4. Práticas pedagógicas. 5. Bebês. I. Almeida, Sheyla Gomes de, orient. II. Título.

Dedico este trabalho aos meus pais.
Toda conquista minha também pertence a vocês.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, por me oferecerem o céu sem podar as minhas asas.

Aos meus irmãos, que são a minha base, a parte mais bonita de mim.

Aos meus avós, que sempre acreditaram no poder transformador da educação.

Aos meus tios, que sempre me presenteavam com os livros mais encantadores.

Ao meu companheiro, Vitor, por ser abrigo nas horas incertas.

Aos educadores que deixaram marcas importantes na minha formação, especialmente à professora Sheyla, minha orientadora, que me acolheu e valorizou minha vivência como parte essencial deste trabalho.

Às professoras da banca e à Universidade de Brasília, onde me reinventei muitas vezes até me encontrar.

Aos amigos e colegas com quem partilhei o caminho, os risos, as dúvidas e as descobertas.

À minha equipe do berçário, por me acolherem com generosidade e me ensinarem com afeto, todos os dias.

E, sobretudo, às crianças que caminharam comigo. Com elas, aprendi mais do que em qualquer sala de aula.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Resultado de pesquisa por descritores na base de dados SciELO	19
Quadro 2 – Artigos selecionados	19

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

BDM UnB	Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
EI	Educação Infantil
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
DF	Distrito Federal
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
SciELO	Scientific Electronic Library Online
UnB	Universidade de Brasília

MEMORIAL

Sou a filha primogênita de meus pais, que, por sua vez, também são os primeiros filhos de seus respectivos pais. Além disso, como primeira neta e sobrinha de ambos os lados da família, não acredito ser necessário dizer que, durante minha primeira infância, meus familiares não mediram esforços para que meu crescimento fosse acompanhado por uma verdadeira comunidade, de forma que minha criação contou com uma forte e sempre presente rede de apoio.

Apesar de ter nascido em Amambai, no Mato Grosso do Sul, meus pais se mudaram para Brasília quando eu tinha pouco mais de um ano. Foi aqui que eles aguardaram ansiosamente a chegada de sua segunda filha, Maria Paula. Na capital, eu e minha irmã vivemos muitas experiências decisivas para quem somos hoje, como as primeiras amizades, o primeiro contato com a escola e o desabrochar da nossa relação uma com a outra.

Penso que ter um irmão é, acima de tudo, ter alguém com quem compartilhar vivências, e foi junto dela que descobri, pela primeira vez, o prazer da leitura. Se somos a soma das pessoas que amamos e daquelas que nos amam, é preciso, antes de tudo, reconhecer que cresci rodeada de leitores. Na minha casa, a leitura não era apenas valorizada, mas compreendida como uma prática essencial.

Tenho poucas memórias dos meus anos na Educação Infantil, e estas são, em sua maioria, mais sensações do que lembranças propriamente ditas, como o nervosismo nos dias festivos, quando era obrigada a participar das apresentações de dança, a tranquilidade ao desenhar, a raiva ao ser punida com a “cadeira de pensar”, ainda que não me recorde do motivo do castigo, e a saudade da minha avó materna, que nos visitava em Brasília e me deixou na escola naquele dia.

Embora eu não me lembre de ter tido contato com a literatura nos primeiros anos de escolarização, as lembranças dos livros que ganhava da família são cristalinas. Eram sempre dois, um para mim e outro para minha irmã, de modo que, ou líamos juntas, ou trocávamos os livros após nos cansarmos de folhear o mesmo por muito tempo. Meus favoritos eram os que tratavam de animais ou natureza, já ela preferia os contos de fadas.

Por mais complicado que tenha se tornado meu relacionamento com a escola ao longo dos anos, os livros continuaram encantadores. As inquietações da juventude me afastaram da minha rede de apoio, meus avós, minha irmã e até mesmo meu irmão, ainda bebê na época, e

desencadearam uma crise de depressão que persistiria até a idade adulta. Nesse contexto, a literatura se tornou um refúgio, uma forma de escape da realidade.

Quanto mais os muros da escola se tornavam para mim sinônimo de aprisionamento, repressão e medo, mais a literatura simbolizava o oposto, liberdade, criatividade e um mundo de possibilidades. No auge da adolescência, eu escondia livros embaixo da mesa para ler durante as aulas. Devora-va histórias com uma sede insaciável e, embora não prestasse atenção às aulas de Português, era capaz de ler um conto inteiro em um único dia.

Curiosamente, mesmo apreciando a ideia de que nunca estaria sozinha se tivesse um livro comigo, foi o gosto pela leitura que me permitiu criar vínculos sociais nos momentos em que mais precisei de companhia. Durante os anos escolares, o interesse compartilhado por sagas como *Percy Jackson* e *Jogos Vorazes*, muito populares na época, serviu de pretexto para a construção de amizades com colegas de classe.

Já mais velha, quando comecei o curso de Pedagogia na Universidade de Brasília, foi por meio de um livro, *Vidas Secas*, que eu levava em certa ocasião para a Faculdade de Educação, que conheci um grande amigo, o qual, por sua vez, teve a bondade de me apresentar ao seu círculo social. Dentre esse grupo de pessoas, duas se tornaram grandes companheiras, não só de aventuras acadêmicas, mas também nos caminhos da vida.

Vários motivos me levaram a escolher esse curso. Eu buscava uma profissão que me garantisse certa estabilidade e, ao mesmo tempo, não fosse entediante. No último ano do Ensino Médio, a decisão pela carreira docente se consolidou em minha mente. Inicialmente, considerei cursar licenciatura em Ciências Sociais, mas, na época dos vestibulares, a motivação para me dedicar aos estudos era quase inexistente, e a nota de corte para Pedagogia era menor.

Assim, logo me vi no primeiro semestre estudando as ciências da educação. As novidades da rotina universitária, como a grade curricular, despertaram grande empolgação e sede de conhecimento. O acesso a novos saberes, especialmente por meio de textos acadêmicos e científicos, permitiu-me ressignificar muitas vivências da época escolar, despertando uma nova visão de escola.

Entretanto, se o primeiro contato com a base teórica do curso me aproximou da leitura acadêmica, reflexiva e essencial à formação docente, os impactos da pandemia de COVID-19, que assolou o mundo no ano seguinte ao meu ingresso no ensino superior, tiveram o efeito oposto. Acabaram por criar uma barreira entre mim e a relação que eu vinha cultivando com a leitura até então.

Com o isolamento social e o consequente ensino remoto adotado pela UnB, vivi um distanciamento da graduação e, ao mesmo tempo, um declínio acentuado da minha saúde

mental. Embora compreendesse a importância dessas medidas emergenciais no combate ao coronavírus, sentia que havia sido roubada de um tempo precioso. Por outro lado, pude me reaproximar da minha família, fortalecendo laços com minha mãe e meus irmãos.

Os semestres concluídos nesse período foram marcados por uma sensação constante de estupor, desinteresse e ansiedade. Quando retornei à Universidade de Brasília, com a volta das aulas presenciais, torci para que esses sentimentos se dissipassem rapidamente, mas eles não apenas persistiram, como se intensificaram. Passei a sofrer com crises frequentes de pânico e, por semanas, não encontrava ânimo para comparecer às aulas, atrasando minha formação acadêmica.

A necessidade de trabalhar surgiu em meio a tudo isso, e as adversidades vividas em sala de aula contribuíram para ampliar ainda mais o distanciamento em relação ao curso. Somado à falta de tempo, tanto os textos acadêmicos quanto a literatura de lazer acabaram ficando em último lugar na minha lista de prioridades. Ainda assim, eu ansiava por uma tentativa de reaproximação com a prática pedagógica e de resgate do prazer da leitura.

Foi nesse contexto que busquei um ambiente de trabalho mais alinhado à concepção de educação defendida pelo currículo da faculdade, e acabei me encontrando em uma escola de método natural. As vivências nessa instituição despertaram em mim o desejo de retomar os estudos, a fim de fortalecer minha fundamentação teórica. Enxerguei, enfim, uma ponte entre o cotidiano escolar e os saberes acadêmicos.

O tema deste trabalho, portanto, surgiu em uma tarde na escola. Eu estava na biblioteca, nomeada Ipê Amarelo, catalogando novas obras, quando reconheci um livro que havia lido há muito tempo. Ele tinha figuras que saltavam das páginas e contava a história de uma criança que não conseguia dormir longe dos pais. Lembrei-me vivamente do medo que minha irmã sentia sempre que chegávamos na parte em que os “monstros”, na verdade, sombras transfiguradas pelo medo do personagem, saltavam sobre nós.

Encontrei-me novamente cativada pela literatura infantil, refletindo sobre os vínculos que criamos com os livros na primeira infância e que, por vezes, perduram até a vida adulta. Este trabalho, portanto, é fruto também do afeto que sinto pela minha irmã, bem como dos esforços de uma família que sempre concebeu a leitura como um elemento crucial para o desenvolvimento pleno de uma criança.

PRÁTICAS DE LEITURA COM BEBÊS E O MÉTODO NATURAL DE FREINET: CONEXÕES ENTRE ESCUTA, AFETO E LIVRE EXPERIMENTAÇÃO

Maria Fernanda França de Oliveira¹

Profa. Dra. Sheyla Gomes de Almeida²

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo analisar de que modo a literatura tem sido incorporada às práticas pedagógicas com bebês na Educação Infantil, em diálogo com o método natural de Célestin Freinet. A metodologia adotada consiste em uma pesquisa bibliográfica, fundamentada na revisão de obras e estudos previamente publicados sobre a temática, articulada às experiências da autora deste trabalho como berçarista em uma instituição privada de Brasília (DF) que adota a pedagogia freinetiana como uma de suas bases. A investigação busca compreender as potencialidades da literatura como linguagem simbólica e sensível desde os primeiros anos de vida, bem como evidenciar a convergência entre a prática educativa com bebês e o princípio freinetiano da livre experimentação.

Palavras-chave: Literatura. Pedagogia Freinet. Educação infantil. Bebês. Práticas pedagógicas.

ABSTRACT

This research aims to analyze how literature has been incorporated into pedagogical practices with infants in Early Childhood Education, in dialogue with Célestin Freinet's natural method. The methodology adopted consists of a bibliographic research, based on the review of works and studies previously published on the subject, articulated with the author's experiences as a nursery teacher in a private institution in Brasília (DF) that adopts Freinet pedagogy as one of its foundations. The investigation seeks to understand the potential of literature as a symbolic and sensitive language from the earliest years of life, as well as to highlight the convergence between educational practice with infants and the Freinetian principle of free experimentation.

Keywords: Literature. Freinet Pedagogy. Early Childhood Education. Infants. Pedagogical Practices.

¹Graduanda do curso de Pedagogia; este artigo refere-se ao trabalho final de curso (TFC).

²Professora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, do Departamento de Métodos e Técnicas e orientadora deste trabalho de conclusão de curso.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. PERCURSO METODOLÓGICO	17
Resultados	18
3. LITERATURA PARA BEBÊS SOB A ÓTICA DA PEDAGOGIA FREINET ...	21
Práticas de leitura com bebês baseadas no método natural	28
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
5. REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso está vinculado à Faculdade de Educação da Universidade de Brasília e aborda o tema da literatura para bebês, desenvolvido sob a ótica da Pedagogia de Célestin Freinet. O interesse pelo tema surgiu a partir da experiência profissional da autora desta pesquisa em uma instituição privada de Educação Infantil, localizada na Asa Norte, em Brasília, onde atuou por cerca de um ano e seis meses.

No cotidiano dessa instituição, é possível observar que a literatura está presente de forma constante nas salas de convivência dos bebês, configurando-se como uma prática pedagógica intencional. A proposta curricular da escola dialoga com os princípios da pedagogia freinetiana, especialmente com a concepção do método natural³, segundo a qual, a aprendizagem da linguagem pela criança parte da vida e de suas condições concretas de existência, experiências que a acompanham também no espaço escolar.

Em sua obra *As Técnicas Freinet da Escola Moderna*, o autor enfatiza a centralidade da vivência concreta, constantemente renovada e repetida pela força da criação e da experimentação livre. Freinet defendia, ainda, a escuta ativa e o respeito pela criança como sujeito singular, bem como a liberdade de expressão e o trabalho cooperativo como caminhos para a construção coletiva do conhecimento (1975, p. 47).

Nesse contexto, ainda que de forma inicial e fora do âmbito sistemático da pesquisa, foi possível perceber que ler para bebês constitui uma prática fundamental que contribui para o seu desenvolvimento integral. Essa percepção está alinhada aos princípios éticos, políticos e estéticos que orientam a Educação Infantil no Brasil, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais (Brasil, 2010), e reforça a importância da literatura como ferramenta de formação humana desde os primeiros anos de vida.

Para justificar a relevância do presente trabalho, é necessário, primeiramente, conhecer um pouco da história da creche no Brasil. Assim, como o entendimento atual que temos de infância emergiu com a sociedade capitalista urbano-industrial, a creche também se constituiu como uma instituição criada para responder às necessidades dessa nova organização social. Nesse sentido, Oliveira (1988) destaca que:

Como ocorre em todas as outras formas pelas quais uma dada sociedade cria uma instituição para responder às suas necessidades, a creche insere-se a cada momento, em um contexto mais abrangente, onde concepções sobre criança, mulher, família, educação infantil, trabalho em geral, trabalho feminino, direitos sociais, obrigações

³O método natural de Célestin Freinet valoriza a aprendizagem ativa, a livre experimentação e o protagonismo do educando, baseando-se na construção do conhecimento a partir das experiências concretas. Freinet detalha sua metodologia em *O Método Natural*, composta pelos volumes *A Aprendizagem da Língua*, *A Aprendizagem do Desenho* e *A Aprendizagem da Escrita*, nos quais expõe princípios de ensino prático e experimental.

do Estado vão sendo modificados. A história da creche liga-se a modificações no papel da mulher em nossa sociedade e suas repercussões no âmbito da família, em especial no que diz respeito à educação dos filhos. As mudanças daquele papel inserem-se no conjunto complexo e contraditório de fatores presentes em nossa organização social com suas características econômicas, políticas e culturais (Oliveira, 1988, p. 44).

Segundo a autora (1988), é possível compreender o advento da creche como uma resposta à necessidade da mulher operária, especialmente no contexto de sua inserção no mercado de trabalho. No entanto, essa demanda não foi inicialmente reconhecida como um direito social ou como dever do Estado, sendo, ao contrário, tratada como um favor prestado ou um ato de caridade por parte de instituições filantrópicas e religiosas. Posteriormente, a creche passou a ser compreendida sob a ótica do discurso médico-sanitário, que reforçava uma concepção higienista da infância. Nesse contexto, sua função central era garantir os cuidados básicos de saúde, alimentação e segurança física das crianças, mantendo-se uma visão assistencialista e desvinculada de qualquer intencionalidade pedagógica.

Enquanto isso, experiências com fins educativos já existiam, como os jardins de infância inspirados nas ideias de Froebel, voltados para o desenvolvimento infantil por meio de atividades lúdicas e estruturadas. No entanto, tais espaços eram direcionados às crianças das camadas sociais mais favorecidas, reforçando a desigualdade no acesso à educação desde a primeira infância. Ainda segundo Oliveira (1988, p. 51), “a história da creche difere da história da escola básica. Esta última foi, primeiro, a escola para os filhos das classes médias e altas [...] A creche, por outro lado, nasceu acolhendo os pobres e, apenas recentemente, tem sido tomada e recriada pela classe média”.

Essa análise evidencia como as concepções e os valores historicamente atribuídos à creche ainda influenciam, atualmente, a forma como essa instituição é percebida. Com frequência, o trabalho desenvolvido com bebês continua sendo interpretado sob uma ótica reducionista, centrada quase exclusivamente no cuidado físico. Embora os cuidados com a saúde, a higiene e a segurança sejam, de fato, fundamentais, eles não bastam para garantir o desenvolvimento integral das crianças. O trabalho com os bebês deve ir além da dimensão assistencial, incorporando práticas pedagógicas intencionais que promovam aprendizagens significativas desde os primeiros anos de vida.

Essa perspectiva foi oficialmente reconhecida pela primeira vez com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN), em 1996, que incluiu a Educação Infantil como a etapa inicial da educação básica e estabeleceu como princípio o atendimento integral às necessidades da criança em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social.

Nesse contexto, a leitura literária com bebês se apresenta como uma prática essencial no cotidiano pedagógico, por ser capaz de promover não apenas o desenvolvimento da linguagem, mas também a escuta, a imaginação, a sensibilidade estética, o vínculo afetivo e o acesso a múltiplas formas de expressão. Na perspectiva de Abramovich:

O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, poesia colocada, inquietude provocada, emoção deflagrada, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma história provoca... (desde que seja boa). Uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e suscitadoras dentre tantas outras é a que decorre do ouvir uma boa história, quando bem contada (Abramovich, 1997, p. 24).

Ler para os bebês é reconhecer suas capacidades comunicativas e interpretativas, mesmo antes da fala, valorizando suas reações, gestos e olhares como formas legítimas de interação com o mundo simbólico da linguagem. De forma geral, como afirma Micarello, “reconhecer a literatura como um direito de todos, desde o nascimento, é também assumir o papel importante que as instituições educativas devem ter no processo de imersão das crianças na cultura” (2018, p. 171). Assim, a literatura ocupa um lugar de destaque na promoção do desenvolvimento integral, contribuindo para transformar a creche em um espaço de educação plena, e não apenas de cuidado.

Assim sendo, a pesquisa foi realizada por meio de uma investigação bibliográfica, utilizando a plataforma científica SciELO, e envolveu a análise de fontes relevantes para o tema, como livros, artigos, revistas e teses. O recorte cronológico adotado teve início em 2018, ano marcado pela implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) nas instituições públicas e privadas de ensino (Brasil, 2017). A escolha da BNCC como marco inicial se justifica por seu caráter de documento legal orientador do currículo, que reconhece as experiências com as diversas linguagens, entre elas a linguagem literária, como elemento central da Educação Infantil. Assim, a BNCC serve como balizador temporal para compreender como os estudos produzidos a partir de sua promulgação passaram a tratar o uso da literatura com bebês, a partir de uma perspectiva curricular. O recorte final da pesquisa corresponde ao período de sua realização e escrita, delimitando, portanto, a abrangência temporal da análise.

A partir do que foi exposto, a pergunta que orienta este trabalho é: como a literatura tem sido incorporada às práticas pedagógicas com bebês na Educação Infantil? Em vista disso, esta pesquisa, cujo tema é “Literatura na primeira infância a partir do método natural de Freinet”, tem como objetivo apresentar a importância da literatura para bebês, por meio do diálogo com a Pedagogia de Freinet, com base na experiência da autora deste trabalho, vivenciada no berçário de uma instituição privada de Educação Infantil e Ensino Fundamental I, localizada

em Brasília (DF). Para alcançar esse objetivo, propõe-se: conceituar a Pedagogia de Freinet em sua relação com a literatura para bebês; identificar estudos científicos que abordem a temática, de modo a fundamentar teoricamente a pesquisa; refletir sobre as práticas literárias vivenciadas pela autora junto aos bebês, no contexto das metodologias adotadas pela instituição observada.

PERCURSO METODOLÓGICO

A metodologia adotada para a realização deste trabalho está fundamentada na pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão de obras e estudos previamente publicados que tratam da temática em questão. Sobre essa abordagem metodológica, Sousa, Oliveira e Alves (2021) ressaltam que:

A base da pesquisa bibliográfica são os livros, teses, artigos e outros documentos publicados que contribuem na investigação do problema proposto na pesquisa. Não basta realizar uma revisão bibliográfica que não irá contribuir no desenvolvimento, deve conter conhecimentos significativos que colaboram com a evolução do trabalho. Assim, uma pesquisa bibliográfica se resume em procedimentos que devem ser executados pelo pesquisador na busca de obras já estudadas na solução da problemática através do estudo do tema (Sousa; Oliveira; Alves, 2021, p. 67).

Essa citação reforça a importância de uma seleção criteriosa das fontes, de modo a assegurar que a revisão da literatura contribua para uma compreensão aprofundada do objeto de estudo e para o fortalecimento dos conhecimentos empíricos que fundamentam a pesquisa. Nesse contexto, a análise das informações foi realizada por meio de leitura exploratória do material selecionado, possibilitando identificar categorias relevantes e estabelecer conexões teóricas consistentes com o tema investigado.

Com base nessa perspectiva, o levantamento do referencial teórico foi realizado por meio de buscas na plataforma de trabalhos científicos: *Scientific Electronic Library Online* (SciELO). O recorte cronológico da pesquisa tem início em 2018, ano da implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), escolhida por seu papel normativo na organização do currículo e por reconhecer a linguagem literária como elemento central na Educação Infantil. Esse marco permite analisar como os estudos passaram a tratar o uso da literatura com bebês a partir de uma perspectiva curricular. O recorte final corresponde ao ano de 2025, período de realização e escrita deste trabalho.

Para a busca de trabalhos utilizados como fonte de pesquisa, foram empregados os seguintes descritores, combinados com o operador *booleano* “AND”: “método natural AND Freinet”, “literatura AND Freinet”, “Freinet”, “literatura AND bebês” e “literatura AND

creche”. Esses termos foram selecionados com base na sua relevância para a temática investigada, visando localizar produções que abordassem a articulação entre a prática pedagógica inspirada em Freinet e o uso da literatura na primeira infância.

Os critérios utilizados para a seleção dos trabalhos envolveram, inicialmente, a análise dos títulos, com o objetivo de identificar a relação com o tema proposto. Em seguida, foram lidos os resumos dos textos selecionados para verificar a adequação à proposta da análise. Por fim, os trabalhos que demonstraram essa relação foram lidos na íntegra e incluídos na análise final. Foram excluídos artigos publicados fora do intervalo definido, os que não apresentavam relação direta com o tema proposto ou os que estavam redigidos em idiomas diferentes do português.

Além desse levantamento, a pesquisa bibliográfica trouxe elementos que serão retomados ao longo do trabalho, articulados às vivências da autora deste trabalho, configurando-se como um exercício reflexivo. Cabe destacar que não se trata de uma investigação de campo intencional, de modo que não será realizada uma descrição sistemática ou aprofundada do contexto da instituição observada. Os relatos apresentados correspondem às experiências da autora como educadora infantil ao longo de um ano, em um berçário de uma instituição privada de Brasília, período em que experienciou, de forma integrada, as dimensões do cuidar e do educar junto a 20 bebês.

Pesquisa de referenciais bibliográficos

As pesquisas realizadas na base de dados SciELO totalizaram 140 resultados relacionados à temática de literatura para bebês e à Pedagogia Freinet, antes da aplicação do filtro temporal previamente estabelecido. Após a aplicação desse filtro, o número de trabalhos foi reduzido para 65. Em seguida, com base nos critérios de seleção previamente definidos, foram pré-selecionados oito artigos. Destes, quatro foram escolhidos para análise na íntegra, após uma avaliação preliminar.

O quadro a seguir permite a verificação dos artigos encontrados a partir dos descritores utilizados, evidenciando o processo de refinamento da busca e a seleção dos materiais analisados.

Quadro 1 - Resultado de pesquisa por descritores na base de dados SciELO

Descritores SciELO	Qntd. sem filtro temporal	Qntd. com filtro temporal	Pré-selecionados	Selecionados
Literatura AND bebês	96	41	2	1
Literatura AND creche	17	11	1	0
Literatura AND Freinet	0	0	0	0
Método natural AND Freinet	3	2	1	1
Freinet	24	11	4	2
TOTAL	140	65	8	4

Fonte: quadro elaborado pela autora deste trabalho (2025)

Após a conclusão desse processo, 136 artigos foram excluídos por não atenderem aos critérios de inclusão previamente estabelecidos. Assim, quatro textos foram selecionados para embasar a presente pesquisa.

Quadro 2 - Artigos selecionados

Ano	Título	Autores	Tipo de documento
2018	Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente.	Hilda Micarello e Mônica Correia Baptista	Artigo
2020	O método natural e o pensamento complexo: uma relação possível para a educação escolar.	Ivan Fortunato e Maria do Rosário Silveira Porto	Artigo
2022	Pedagogia Freinet e o trabalho com bebês: desafios e possibilidades.	Guilherme do Val Toledo Prado e Lucianna Magri de Melo Munhoz	Ensaio
2022	Trabalho docente e Pedagogia Freinet.	Ana Flávia Valente Buscariolo e Daniela Dias dos Anjos	Dossiê

Fonte: SciELO; quadro elaborado pela autora deste trabalho (2025)

A pesquisa conduzida por Micarello e Baptista (2018) evidencia a importância da formação de educadoras da Educação Infantil como mediadoras da leitura literária, bem como as repercussões desse processo formativo nas práticas docentes. Essa mediação não se limita à escolha de bons títulos, mas envolve também a maneira como a leitura é realizada. Nesse sentido, Abramovich (1997) enfatiza que a forma como uma história é contada é tão, ou até mais, relevante do que a própria escolha do livro. Essa perspectiva reforça a necessidade de preparar o professor para que sua atuação como leitor diante das crianças seja consciente, intencional e sensível às especificidades da linguagem literária. Como afirma a autora:

Para contar uma história – seja qual for – é bom saber como se faz. Afinal, nela se descobrem palavras novas, se entra em contato com a música e com a sonoridade das frases, dos nomes [...] Daí quando se vai ler uma história – seja qual for – para a criança, não se pode fazer isso de qualquer jeito (Abramovich, 1997, p. 18).

No trabalho de Fortunato e Porto (2020), evidencia-se a aproximação entre os autores Célestin Freinet e Edgar Morin, com o objetivo de resgatar uma concepção de escola que seja capaz de lidar com a complexidade da condição humana. Os autores defendem a necessidade de um processo educativo que se preocupe com o ser humano em sua totalidade, promovendo uma formação que contemple não apenas aspectos cognitivos, mas também éticos, afetivos e sociais. Nesse contexto, a literatura voltada para bebês assume papel fundamental, uma vez que possibilita experiências estéticas, emocionais e linguísticas desde os primeiros anos de vida.

Em consonância com essa perspectiva, o trabalho desenvolvido por Munhoz e Prado (2022) retrata uma experiência de prática pedagógica baseada no método natural, por meio do relato de experiência de uma pedagoga que se constituiu como educadora de bebês e crianças muito pequenas em uma creche pública do interior de São Paulo. Ao se apropriar do espaço escolar a partir dos fundamentos da Pedagogia Freinet, a docente construiu uma trajetória única, que se configura como uma contribuição significativa e imprescindível para o presente trabalho, ao evidenciar como os princípios freinetianos podem ser adaptados e ressignificados na educação infantil.

Dando prosseguimento à apresentação dos estudos selecionados, Buscariolo e Anjos (2022) introduzem o trabalho de educadores que integram o movimento Freinet, apresentando reflexões sobre a prática docente da Educação Infantil ao Ensino Superior, com base nos princípios da Pedagogia Freinet. Nesse capítulo introdutório, os autores contextualizam historicamente a trajetória de Célestin Freinet, situando-o em seu tempo para, em seguida, desenvolver uma reflexão sobre práticas pedagógicas contemporâneas. Tais práticas são protagonizadas por professores que enfrentam, em suas salas de aula, os desafios da atualidade, sustentando suas ações nos fundamentos da proposta freinetiana.

Por fim, para além dos trabalhos previamente mencionados, durante a revisão de literatura sobre o tema foi identificada uma monografia de conclusão de curso de graduação que, embora não tenha sido localizada na base de dados inicialmente consultada, foi incluída na pesquisa em razão de sua relevância para a discussão proposta. Trata-se do trabalho intitulado “Práxis pedagógica e o Método Natural de Célestin Freinet: um relato de experiência”, de autoria de Taila Deccottignies Carrero (2023), disponível na Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente da Universidade de Brasília (BDM UnB). Esse trabalho foi selecionado devido à semelhança com as experiências retratadas no presente estudo, especialmente no que se refere à aplicação dos princípios freinetianos em contextos escolares reais de instituições de EI. A inclusão dessa monografia enriquece a análise ao oferecer uma perspectiva prática e atualizada sobre a implementação das ideias de Freinet, contribuindo para o aprofundamento da discussão teórico-metodológica empreendida neste trabalho.

Assim, a revisão de literatura apresenta o contexto necessário para a compreensão do objeto deste estudo, contemplando as discussões acerca da literatura e das práticas de leitura com bebês fundamentadas no método natural de Freinet. Na seção seguinte, serão analisadas essas perspectivas à luz das experiências observadas, evidenciando as potencialidades da prática pedagógica investigada.

LITERATURA PARA BEBÊS SOB A ÓTICA DA PEDAGOGIA FREINET

A proposta pedagógica de Célestin Freinet é profundamente influenciada por sua vivência na infância. Filho de pais camponeses, ele começou a trabalhar na lavoura desde muito pequeno, em uma região rural no sul da França, na cidade de Gars. Conforme afirmam as autoras Buscariolo e Anjos (2022, p. 127), era comum que o ofício de pastorear os animais fosse encarregado às crianças, o que impactou sua concepção sobre infância e trabalho.

Ainda segundo as autoras, Freinet cursou magistério e teve sua primeira experiência como professor em uma classe multisseriada, composta por 35 crianças, em sua maioria provenientes da zona rural e filhas de camponeses, assim como ele. Nesse contexto, constatou sua insatisfação com os métodos do ensino tradicional. Entretanto, observou também que, apesar do distanciamento entre a escola e a realidade daqueles estudantes, as crianças mantinham sua motivação para aprender. Essas vivências foram fundamentais não apenas para sua formação docente, mas também para o surgimento de sua proposta pedagógica.

Essa constatação o levou a reconhecer a necessidade de adotar uma prática pedagógica diferenciada, baseada na concepção de que a escola deveria oferecer aos alunos um trabalho

significativo e realizador. Nesse sentido, em 1934, fundou sua própria escola na cidade de Saint-Paul-de-Vence, voltada para “sujeitos das camadas populares, como filhos de operários, jovens espanhóis expulsos da guerra civil, entre outros” (Costa, 2008 *apud* Carreiro, 2023, p. 22).

Freinet posicionou-se de forma crítica em relação a sistemas pedagógicos rígidos, que classificava como engessados e distantes da realidade concreta das crianças e dos educadores. Para ele, uma pedagogia que se apresentasse como autoridade indiscutível, acompanhada de imposições e ameaças, estaria fadada ao fracasso, pois se afastaria da essência da vida e da construção autêntica do conhecimento.

Como o próprio Freinet afirmou: “Podeis, com certeza, tentar compor uma autoridade indiscutível, que se faz acompanhar sempre de um gesto ameaçador. Isso não nos levará longe, pois está desviado do sentido da vida: com o decorrer do tempo, é a vida que triunfa” (Freinet, 1975, p. 11). Essa citação revela seu compromisso com uma educação viva, flexível e sensível às experiências das crianças, uma pedagogia que se constrói no fazer cotidiano e na escuta ativa dos sujeitos envolvidos no processo educativo.

Na perspectiva freinetiana, a escola deve fazer sentido para aqueles que a ocupam. Isso implica reconhecer os interesses, os saberes e as expressões das crianças como centrais para a organização do trabalho pedagógico. O conhecimento, nessa abordagem, não é transmitido de forma unilateral, mas construído coletivamente a partir das vivências e dos contextos sociais e culturais de cada grupo. Assim, o papel do educador é o de mediador que respeita os ritmos e a autonomia das crianças, promovendo um ambiente de liberdade, cooperação e descoberta.

Um educador imerso nos eventos históricos da primeira metade do século XX, Freinet acreditava em uma escola do povo, uma instituição que se inicia a partir da criança, levando em consideração todas as suas potencialidades. Para ele, o aprendizado é um processo natural da vida e para a vida, uma vez que, segundo Fortunato e Porto (2020, p. 12), “aprender é algo natural, e que desejar aprender é humano.”

Conforme afirma Francisco Imbernón, no seu livro *Pedagogia Freinet* (2012, p. 13):

Sua pedagogia, também influenciada por outras obras pedagógicas da época – e acusada, certas ocasiões, de pouco “científica”, infantil, camponesa e rústica – constitui, na minha opinião, uma pedagogia forte, orientadora, futurista e capaz de suscitar a reflexão e desenvolver práticas sobre muitas questões pedagógicas revolucionárias naquela época. Não podemos negar que Freinet foi um vanguardista na sua época, e uma prova disso é que sua pedagogia perdura. Claro que não como antes, uma vez que hoje a escola é uma intersecção e uma amálgama de técnicas pedagógicas diversas, mas em todas elas consta algo de Célestin Freinet. Na “cozinha” pedagógica atual sempre há algum “ingrediente” da pedagogia Freinet (Imbernón, 2012, p. 13).

O trecho de Imbernón sobre a pedagogia de Célestin Freinet destaca a relevância e a influência duradoura de suas ideias no campo educacional. Diante disso, torna-se necessário

apresentar um dos conceitos centrais de sua proposta pedagógica: o tateamento experimental. De acordo com Fortunato e Porto (2020), esse princípio concebe a aprendizagem como um percurso fundamentado na livre tentativa, impulsionado pelo interesse e pelo envolvimento do sujeito em sua própria busca por conhecimento. Em um primeiro momento, essa busca ocorre de forma exploratória e, à medida que o aprendiz adquire domínio sobre a ação, tende a assumir uma configuração mais estruturada, organizada e sistematizada.

Em sua obra *O Método Natural I – Aprendizagem da Língua*, Freinet discorre sobre o tateamento experimental, enfatizando seu papel como princípio orientador da aprendizagem:

Existe, à partida, o indivíduo que procura. E procura muito simplesmente porque não está satisfeito com a sua situação, porque não tem suficiente segurança e porque, como a raposa que sai à noite da sua toca, explora cautelosamente, tateia, aventura-se, em busca do alimento. Esta necessidade de procurar, de conhecer à sua volta, de se enriquecer – sob todos os pontos de vista – é inata no homem e em todos os seres vivos [...]. E a este nível existe pura tentativa experimental. Um dos atos assim tentados resulta. O indivíduo fez uma descoberta, que talvez já tenha sido feita por outros, mas que nem por isso deixa de ser para ele uma descoberta. Por necessidade, vai repetir o ato conseguido, que se consolidará se for verdadeiramente conseguido e pouco a pouco se fixará em técnica de vida (Freinet, 1996, p.18).

A tentativa experimental se revela especialmente compatível com a especificidade da Educação Infantil, uma vez que essa etapa se caracteriza por valorizar as vivências concretas das crianças, em lugar da centralidade dada aos conteúdos sistematizados, a qual tende a se intensificar nos primeiros anos do Ensino Fundamental. Trata-se de um terreno fértil, onde os ensinamentos de Freinet podem germinar com mais liberdade, sem podas que limitem o crescimento espontâneo do pensamento, da criatividade e da expressão infantil.

Na instituição observada, a livre experimentação constituía um princípio central do trabalho pedagógico realizado no berçário, que atendia bebês de diferentes faixas etárias, do mais novo, com seis meses, ao mais velho, que à época possuía um ano e oito meses. Diante dessa diversidade etária, era fundamental garantir que cada estímulo e atividade fosse cuidadosamente adaptado, de modo a contemplar os distintos marcos do desenvolvimento infantil.

Nesse contexto, a equipe adotava como diretriz a ideia de que tudo deve acontecer respeitando o tempo e os limites de cada bebê. Isso, no entanto, não implica ausência de intencionalidade pedagógica, como muitas vezes se supõe ao associar metodologias que valorizam a autonomia infantil à falta de técnica. Como destacam Fortunato e Porto:

Importante anotar que o método natural identificado por Freinet (1977 *apud* Fortunato; Porto, 2020) não é contrário às explicações intelectuais, às regras, aos conceitos e ao treinamento. Tudo isso deve existir num ambiente escolar, mas depois, e somente depois, da liberdade de experimentar, de tentar, de acertar e de errar sozinho ou em conjunto (Fortunato; Porto, p. 7, 2020).

A sala de referência era equipada com mobiliários inspirados na abordagem de Emmi Pikler⁴, os quais favoreciam a autonomia, a exploração e a movimentação livre, elementos compatíveis com os princípios da tentativa experimental descritos por Freinet. Desse modo, ainda que o autor não tenha abordado diretamente a Educação Infantil, é possível depreender que sua concepção de tateamento experimental encontra ressonância na proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) para a organização curricular desta etapa. Como destacam Munhoz e Prado:

É importante ressaltar que Freinet não falou em seus livros sobre essa faixa etária, pois, na França, na época (1896 a 1966), a educação de 0 a 3 anos ficava a cargo do serviço social. No entanto, como pensador comprometido com as crianças e seu desenvolvimento integral, ele nos apresentou algumas ideias. (Munhoz; Prado, 2022, p. 136).

Na perspectiva desses documentos normativos da EI, os campos de experiência configuram-se como um arranjo curricular que acolhe as situações vivenciadas no cotidiano infantil e os saberes das crianças, articulando-os aos conhecimentos que integram o patrimônio cultural da sociedade. É por meio da experimentação e da vivência de diferentes situações que a criança constrói sentidos sobre o mundo, apropriando-se de elementos culturais por meio da interação com o outro e com o ambiente em que está inserida.

Nesse sentido, Vigotski dialoga com os pressupostos do método natural de Freinet ao destacar a mediação com o outro como elemento fundamental no processo de apropriação das tentativas experimentais, entendidas como descobertas que se consolidam em técnicas de vida ao longo da construção da subjetividade da criança. Sobre isso, Taila Carreiro afirma que, para Freinet, “a necessidade da experiência como tentativa experimental é a base do processo de aprendizagem. Para o autor, ‘as ideias só se inscrevem no nosso comportamento e na nossa vida se tiverem bases na experiência complexa dos indivíduos’ (Freinet, 1977 *apud* Carreiro, 2023, p. 25).

Nessa mesma perspectiva, ao abordar o desenvolvimento da musicalidade de bebês, a autora Araújo (2023) recorre à teoria histórico-cultural de Vigotski para destacar o universo sonoro como uma das experiências que integram o contexto cultural dos seres humanos (Pederiva, 2013 *apud* Araújo, 2023). De modo semelhante, a literatura também se configura como uma das linguagens fundamentais no processo de constituição da subjetividade,

⁴O mobiliário Pikler foi desenvolvido pela pediatra húngara Emmi Pikler (1902–1984) e tem como objetivo promover a autonomia e o movimento espontâneo das crianças pequenas. Os móveis são simples, seguros e adaptados ao tamanho da criança, permitindo exploração livre e criativa, respeitando seu ritmo individual e fortalecendo sua confiança motora (COCITO, 2018).

desenvolvendo-se a partir das “relações sociais e da significação do mundo” (Araújo, 2023).

Em suas palavras:

Nas primeiras semanas de vida, o bebê já desenvolve relações sociais específicas, que cada vez mais, tornam-se mais complexas e amplas. A própria comunicação, que começa a se estabelecer, contribui para esse processo – percepção e ação em relação a voz humana, em relação às expressões faciais e a outros diversos movimentos e atividades que são realizadas pelos grupos sociais de seu entorno. O bebê, já nesse início, desenvolve uma busca ativa de contato com as outras pessoas. Dito isso, afirma-se que o bebê já é capaz de fazer distinção entre as pessoas e os objetos que compõem seu meio circundante e participa ativamente de seu processo de desenvolvimento, observando, percebendo, imitando, internalizando, imaginando e criando seu próprio comportamento (Araújo, 2023, p. 44).

Essa concepção reforça a ideia de que o bebê não é um sujeito passivo diante do meio, mas sim um ser capaz de interagir, interpretar e construir significados a partir das experiências culturais que o cercam, o que inclui, de maneira expressiva, manifestações literárias e sonoras que permeiam seu cotidiano. Em consonância com essa perspectiva, a BNCC reconhece o papel essencial das instituições de Educação Infantil na ampliação e na qualificação dessas vivências:

Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (Brasil, 2017, p. 36).

Nesse sentido, observa-se que os pressupostos da pedagogia freinetiana, da teoria histórico-cultural e as diretrizes da BNCC e DCNEI convergem ao valorizar o papel da interação social, da linguagem e da cultura como elementos fundamentais para o desenvolvimento integral da criança desde os primeiros meses de vida.

No que se refere ao uso da literatura no cotidiano da creche, as práticas promovidas pela instituição devem partir das experiências do próprio bebê, considerando, nesse contexto, o ambiente familiar de cada um, uma vez que, como destacam os autores, esse é o primeiro círculo social em que ele está inserido. Desse modo, é fundamental, em um primeiro momento, reconhecer a significativa influência da família na introdução da leitura na vida da criança, visto que é a partir dela que se estabelece a referência de uma família leitora, trazida do contexto doméstico para o espaço educativo.

Costuma-se dizer que leitores geram leitores. No entanto, conforme destaca Lopes (2024), a realidade brasileira evidencia desafios significativos nesse aspecto. Segundo a sexta edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, realizada em 2024, houve uma redução de aproximadamente 6,7 milhões de leitores no país ao longo de quatro anos. De acordo com o levantamento, considera-se leitor aquele que leu, total ou parcialmente, ao menos um livro,

impresso ou digital, nos últimos três meses. Ainda assim, apenas 27% dos entrevistados afirmaram ter concluído a leitura de uma obra completa nesse período.

Essa realidade reflete um país marcado por rotinas exaustivas, longas jornadas de trabalho e pouco tempo disponível para práticas de leitura por prazer. Entretanto, é necessário contextualizar o perfil das famílias da instituição observada, composta majoritariamente por pais de classe média alta. No berçário, predominavam famílias em que ambos os responsáveis exerciam atividades profissionais fora de casa, majoritariamente na carreira de servidor público, e possuíam, no mínimo, ensino superior completo.

Trata-se, portanto, de um perfil familiar que não apenas dispõe de maior acesso à formação intelectual e à valorização da leitura, mas também de recursos financeiros que possibilitam a aquisição de livros e a manutenção desse hábito como prática cotidiana.

É preciso reconhecer, contudo, que o acesso à literatura no Brasil sempre foi historicamente restrito. Segundo Costa (2009 *apud* Silva; Desidério, 2021, p. 4), “não havia livros destinados ao público infantil até 1808. Antes disso, somente uma pequena elite econômica tinha o privilégio de usufruir de uma literatura impressa, ainda que essa não fosse produzida com a infância em mente”. Esse passado elitista da cultura escrita ainda reverbera nas desigualdades atuais.

Além disso, a leitura e a aquisição de livros para bebês configuram-se como práticas comuns entre essas famílias, frequentemente associadas ao fortalecimento do vínculo afetivo entre pais e filhos. Em muitos casos, o hábito da leitura começa ainda durante a gestação, com o objetivo de familiarizar o feto com a voz dos pais desde o ventre materno. Assim, era comum ouvir relatos dos próprios responsáveis afirmando que liam para os bebês desde muito cedo.

Desse modo, era perceptível que os bebês chegavam ao berçário já tendo estabelecido algum tipo de contato com a literatura infantil. Uma experiência, em particular, destacou-se durante as observações ao evidenciar como um bebê se relacionava com os livros no ambiente escolar. Era frequente que os bebês, após escolherem um livro, o entregassem às educadoras para que estas o lessem. Para eles, esse momento representava uma oportunidade de interação, na qual imitavam os sons dos animais, apontavam objetos, nomeavam imagens, entre outras ações partilhadas com os adultos.

No entanto, esse bebê em específico demonstrava uma forma singular de apropriação do espaço e da leitura. Ele selecionava cuidadosamente um livro e, em seguida, buscava o que parecia ser, para ele, um canto de leitura atrativo. Em diversas ocasiões, subia em uma das rodas Pikler e, após certo esforço, empoleirava-se, acomodando-se para vivenciar aquele momento de leitura de maneira autônoma e concentrada. Permanecia ali por um tempo considerável,

folheando as páginas com atenção, observando imagem por imagem. Ao concluir a exploração de um livro, descia com cuidado e escolhia outro exemplar, repetindo o ritual com o mesmo interesse.

Esse episódio tornou-se uma mini-história registrada no portfólio individual do bebê ao final do ano letivo. Posteriormente, durante a reunião com as famílias, a mãe compartilhou que tanto ela quanto o pai eram leitores assíduos e que tinham o hábito de ler em uma poltrona posicionada próxima à janela de casa. Esse detalhe ajudou a compreender a cena observada: o bebê, ao recriar aquele ambiente na creche, parecia reproduzir uma vivência significativa de seu contexto familiar, revelando como as experiências culturais e afetivas são apropriadas e ressignificadas pelas crianças desde muito cedo.

Em vista disso, a autora deste trabalho reconhece que, em concordância com Micarello e Batista, “as experiências de bebês e demais crianças pequenas com a literatura se dão, como todas as demais experiências com a cultura, pela mediação do outro, que atribui sentidos a essa prática cultural e compartilha esses sentidos nas interações que estabelece com os pequenos” (Micarello; Batista, 2024, p. 171).

Essa afirmação reforça que os bebês constroem relações enquanto estão em momentos de leitura ou de manuseio dos livros no contexto escolar, vivências mediadas, segundo Freinet (1977 *apud* Fortunato; Porto, 2020, p. 7), quando oportunizado a “liberdade de experimentar, estabelecendo um ambiente em que o sinal de entrada não seja um símbolo de interrupção da vida, mas de início de um processo de tentativa e erro, de curiosidade, de trabalho interessante”.

Em vista disso, ao refletir sobre a literatura para bebês à luz do método natural de Freinet, é possível perceber uma convergência entre os pressupostos desse educador e as práticas que envolvem o contato dos bebês com os livros desde os primeiros meses de vida. Essa visão se alinha à ideia de que a literatura na creche não deve ser imposta como uma forma acabada, mas apresentada como possibilidade de exploração, escuta, encantamento e construção de sentidos.

A perspectiva do tateamento experimental encontra eco no modo como o bebê interage com o livro: tocando, mordendo, arremessando, folheando, escutando, observando. Esses gestos são formas legítimas de experimentação sensível e simbólica, nas quais o bebê realiza uma leitura do mundo à sua maneira.

Ao permitir que o bebê se relacione com a literatura a partir do seu próprio ritmo e interesse, cria-se um ambiente em que a leitura se torna um processo vivencial. Assim como Freinet propunha que a escrita nascesse da necessidade de comunicar algo real, vivido e sentido,

a leitura para os bebês também deve surgir de uma situação significativa, uma troca afetiva com o adulto, um som curioso, uma imagem que atrai o olhar.

Além disso, Freinet valorizava o uso de textos livres produzidos pelas próprias crianças, considerando-os mais próximos de suas realidades. Nessa perspectiva, podemos pensar que, mesmo sem ainda produzirem textos verbais, os bebês também expressam narrativas com o corpo, o olhar, os gestos, e é papel do educador estar atento a essas manifestações como formas legítimas de linguagem e autoria.

Assim, o método natural dialoga com a literatura para bebês ao compreender o processo de apropriação cultural como algo que nasce da experiência sensível, da interação com o outro, da liberdade para criar e da valorização do cotidiano como fonte de sentido.

Práticas de leitura com bebês baseadas no método natural

Ser educadora de bebês é, antes de tudo, um exercício de desaprender. É descentralizar o próprio papel para assumir um lugar de escuta sensível e olhar investigativo, reconhecendo o bebê como sujeito ativo e potente, protagonista em seu processo de desenvolvimento. Nesse contexto, a ação do indivíduo se desloca para a mediação intencional da experiência: aquele que organiza, com cuidado e escuta, os espaços e os tempos da infância.

A inspiração na abordagem de Emmi Pikler é evidente nesse processo, ao defender práticas que promovem a independência do bebê por meio do movimento livre e autônomo, sempre fundamentadas no cuidado e na construção de vínculos afetivos. Assim, o ambiente deve ser cuidadosamente planejado para que o bebê possa agir de maneira espontânea, explorando e descobrindo o mundo a partir de sua própria iniciativa, com a segurança física e emocional assegurada pela presença do adulto, sem a necessidade de sua intervenção direta.

É justamente nesse ponto que o impulso natural ao aprendizado do bebê encontra a intencionalidade pedagógica do docente. Mais do que educar no sentido tradicional, ser educador(a) infantil é ser curador de experiências, ter a capacidade de ser um observador atento que compreende que cada gesto, cada olhar e cada movimento expressam um saber em construção. É organizar o espaço não como cenário passivo, mas como um terceiro educador, capaz de provocar, acolher e ampliar as experiências da criança.

Nesse sentido, como afirmam Munhoz e Prado:

Acreditar que os bebês são capazes e sujeitos de direito, merecedores de uma educação de qualidade, permite a reorganização dos espaços/tempos na creche para que, assim, adultos e crianças possam de forma livre e sensível expressar suas potencialidades e singularidades (Munhoz; Prado, 2024, p. 141).

Em relação à organização dos livros, cada sala da instituição observada contava com um carrinho onde ficavam disponíveis obras literárias pré-selecionadas trimestralmente. No berçário, a dinâmica seguia a mesma lógica. Havia um projeto literário institucional, no qual a educadora deveria realizar, diariamente, a leitura de um dos livros escolhidos a partir dos títulos disponibilizados para o trimestre, organizados em uma estante ao alcance das crianças. Apenas os livros mais delicados, devido à sua fragilidade, eram disponibilizados aos bebês sob a supervisão direta de um responsável.

Na prática cotidiana, entretanto, eram lidos diversos livros ao longo do dia, e não apenas aquele previsto no planejamento. Um bebê em específico, assim que era deixado pelo pai na sala de referência, dirigia-se imediatamente ao carrinho de livros em busca de seu título preferido, com temática da selva. Em seguida, levava-o até a berçarista com quem possuía um vínculo mais profundo, solicitando a leitura. Juntos, apontavam para os animais e imitavam seus gestos e sons, transformando aquele momento em uma experiência compartilhada de linguagem e afeto.

Além disso, era comum que os bebês experimentassem livremente com os livros. Aqueles que já haviam conquistado a marcha se deslocavam até o carrinho com autonomia, enquanto os que estavam em processo de verticalização, utilizavam o próprio móvel como apoio para se erguerem. O carrinho de livros, portanto, integrava também as experiências motoras e exploratórias do cotidiano, tornando-se um ponto de interesse tanto pela oferta literária quanto pela possibilidade de interação física e simbólica.

Uma de suas experimentações preferidas consistia em esvaziar a estante, jogando todos os livros no chão, um por um. Arremessavam-nos, atentos aos diferentes sons produzidos, que revelavam a diversidade dos livros destinados aos bebês, alguns de papel cartonado, outros macios, próprios para molhar. Pisavam sobre eles, explorando texturas com os pés. Depois, com esforço e concentração, devolviam os livros à estante, muitas vezes para, em seguida, repetir todo o processo.

Esse gesto, à primeira vista trivial, carrega em si múltiplas camadas de significação. O bebê não apenas manipula objetos, ele explora, investiga, testa hipóteses, organiza o espaço ao seu modo, estabelece uma sequência de ações, experimenta o efeito de suas escolhas. Nesse processo, há intenção, há construção de sentidos, há linguagem em gestos. O ato de esvaziar e reorganizar a estante é, também, uma forma de leitura do mundo, ainda que não verbal.

É nesse ponto que se torna fundamental o olhar da educadora: não para corrigir ou interromper, mas para reconhecer que há, na ação livre da criança, um potente processo de aprendizagem em curso. Nos processos de observação da autora deste trabalho verificou-se que

a mediação pedagógica não se dá apenas no momento em que o adulto lê para o bebê, mas também na escuta do que ele comunica com o corpo, com o olhar, com os movimentos. O desafio está em ampliar essa experiência, mantendo sua potência, sem submetê-la a um formato rígido de “como deve ser”.

É amplamente reconhecido que ler com bebês é de extrema importância, uma vez que esse contato inicial com a linguagem escrita e oral, ainda que os livros sejam tratados como brinquedos, contribui significativamente para o desenvolvimento afetivo, cognitivo e social. De acordo com Silva e Desidério (2021):

A criança começa a representar o mundo desde muito cedo, quanto mais cedo a leitura começar na vida dos pequenos, melhor. Não é apenas o vocabulário que se amplia, o repertório simbólico também, pois desta forma a criança pequena interage e compreende o mundo de uma forma mais ampla.

Nesse sentido, a literatura pode ser compreendida como uma das formas de expressão da potência criadora da criança desde os primeiros anos de vida. Como aponta Vigotski:

Os processos de criação manifestam-se com toda a sua força já na mais tenra infância. Uma das questões mais importantes da psicologia e da pedagogia infantil é a da criação na infância, do desenvolvimento e do significado do trabalho de criação para o desenvolvimento geral e o amadurecimento da criança. Já na primeira infância, identificamos nas crianças processos de criação que se expressam melhor em suas brincadeiras (Vigotski, 2009, p. 18).

Assim, ao acessar os livros, os bebês também exercitam a imaginação, a criatividade e o pensamento, em um processo de autoria sensível sobre o mundo que os cerca. Em vista disso, torna-se necessário ir além de apenas disponibilizar os livros ou realizar uma roda de leitura em determinado momento do dia. Ainda que esse momento seja importante, ele exige um tratamento especial que contemple a especificidade da etapa de vida dos bebês.

A roda de leitura, nesse contexto, deve ser entendida como uma experiência estética e sensível, que precisa ser cuidadosamente preparada para que seja, de fato, significativa para os pequenos. É preciso cativá-los, e isso envolve permitir que explorem livremente os livros antes da leitura, tateando, folheando, olhando as imagens e fazendo escolhas a partir do que chama sua atenção. Esse momento inicial de pré-leitura é tão importante quanto a leitura em si, pois garante que o bebê se sinta envolvido e respeitado em seu próprio ritmo de descoberta.

Durante a leitura propriamente dita, o uso intencional da entonação, das pausas, do ritmo e até mesmo de cantigas que dialoguem com o texto contribui para ampliar o interesse e a compreensão. A leitura deve ser encenada, vivida junto aos bebês, com variações vocais, sons onomatopaicos, gestos e expressões que transformam o ato de ouvir em um convite à escuta divertida e participativa. Mostrar as imagens com calma, acompanhar com o dedo os elementos

do livro e reagir às expressões dos bebês também são formas de escutar suas leituras, mesmo que silenciosas, e validá-las como parte do processo.

Outras práticas que integraram o planejamento do semestre buscaram ampliar essa experiência por meio da organização de ambientes de aprendizagem. Um exemplo disso foi a contação da história “*Os três porquinhos*”, acompanhada de fantoches e de elementos concretos do enredo, como feno, blocos de madeira e peças de lego, representando os materiais utilizados na construção das casas.

Uma memória marcante para a autora deste trabalho é a forma como essa narrativa clássica ganhava vida, especialmente no momento em que o lobo soprava, e a berçarista soprava também. Um gesto simples, mas suficiente para transformar a história em uma experiência sensorial e interativa, ampliando o envolvimento dos bebês e promovendo uma escuta atenta, curiosa e afetiva.

Também foram exploradas diferentes formas de disponibilizar os livros, considerando as fases de desenvolvimento motor dos bebês. Para aqueles que ainda estavam no processo de rolar ou permanecer de bruços, foi utilizado um varal de livros posicionado ao alcance de suas mãos, permitindo o manuseio em posição horizontal. Já para os bebês em processo de verticalização, os livros foram afixados nas paredes, possibilitando que se apoiassem e explorassem as obras na posição ereta, integrando leitura, movimento e descoberta.

Diante disso, Carreiro (2023, p. 24) afirma que “a base da pedagogia de Freinet, a tentativa experimental, tem por base o trabalho coletivo e cooperativo, uma educação baseada em expor a livre expressão da criança, concentrando-se em atrair a atenção dos estudantes para o processo de ensino-aprendizagem”. Essa perspectiva enfatiza que a aprendizagem ocorre por meio da interação ativa, da experimentação e da construção conjunta do conhecimento, sendo o adulto um mediador que promove um ambiente aberto e participativo.

No contexto da instituição observada, esses princípios se materializam na organização de espaços e práticas que favorecem a exploração dos livros, a livre expressão e o diálogo afetivo entre crianças e educadores. Permitir que o bebê manipule, observe e interaja com a literatura de forma autônoma reflete a tentativa experimental freinetiana, oferecendo uma base sólida para a promoção da leitura e da linguagem na Educação Infantil. A literatura, nesse sentido, é compreendida como um convite à descoberta, à criação e à troca sensível, em um processo coletivo e experimental.

Todavia, na chegada à instituição, ainda no período de adaptação, é fundamental estabelecer um laço afetivo com o bebê, para que ele se sinta seguro naquele espaço e, assim, possa começar a explorá-lo. Nesse processo, o livro muitas vezes é utilizado como recurso para

captar a atenção do grupo, aliviar tensões e iniciar a construção do vínculo com a equipe. Um colo acompanhado da leitura de uma história, uma contação com fantoches ou mesmo a simples presença do adulto narrando com afeto tornam-se ferramentas potentes no estabelecimento de uma relação de confiança.

Isso porque, de acordo com Micarello e Baptista, “a linguagem é o lugar de encontro entre sujeitos, bem como de produção e compartilhamento de sentidos sobre a experiência humana e de construção de subjetividades” (Micarello; Baptista, 2018, p. 170). Quando mediada pelo afeto e pelo cuidado, a linguagem literária torna-se um canal poderoso de conexão e acolhimento no início da trajetória escolar.

Dessa forma, a literatura, quando presente nos processos iniciais da vida escolar, evidencia-se como prática de acolhimento que fortalece vínculos e favorece experiências significativas. Ao possibilitar que os bebês construam relações por meio da leitura e do manuseio de livros, reafirma-se a centralidade da linguagem no processo de inserção cultural dos sujeitos. Esses aspectos serão retomados nas conclusões, à luz das reflexões desenvolvidas ao longo do trabalho.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo central apresentar a importância da literatura para bebês, em diálogo com os princípios da Pedagogia de Freinet, tomando como ponto de partida a experiência vivenciada no berçário de uma instituição privada. Ao longo da pesquisa, articularam-se fundamentos teóricos e observações práticas, evidenciando que a literatura, quando mediada de forma respeitosa, se constitui como linguagem potente de expressão, vínculo e construção de sentidos desde os primeiros meses de vida.

A partir das observações em campo, identificou-se que os livros, quando inseridos com intencionalidade pedagógica e sensibilidade afetiva, tornam-se poderosos instrumentos de acolhimento, escuta e expressão para os bebês. Nos gestos que antecedem a leitura, como o toque na capa, o folhear curioso e o olhar demorado sobre uma imagem, já se anunciam processos de significação. Cada bebê, a seu modo, realiza uma leitura do mundo, cabendo ao educador reconhecer e validar essas formas não verbais de se relacionar com a linguagem.

A aproximação com o método natural de Freinet se mostrou especialmente fecunda por valorizar a livre experimentação como parte da aprendizagem, bem como a autonomia do sujeito e a centralidade da experiência para atribuir significado ao processo educativo. Esses pressupostos dialogam diretamente com as práticas literárias voltadas à primeira infância, nas

quais o tateamento, a brincadeira com os sons e o encantamento com as imagens fazem parte de uma leitura que é tanto estética quanto afetiva.

A pedagogia freinetiana, ao defender o protagonismo da criança, o respeito ao ritmo individual e a aprendizagem pela ação, oferece subsídios para compreender a literatura como vivência, construída na relação entre o bebê e o mundo que o cerca. Nesse sentido, a prática da livre expressão, tão cara a Freinet, encontra ressonância nas experiências literárias, em que gestos, balbucios, olhares e movimentos constituem formas de linguagem legítimas.

A concepção de educação cooperativa e dialógica proposta pelo autor também amplia a compreensão da literatura como experiência coletiva, na qual o compartilhar de histórias e símbolos fortalece os vínculos entre crianças e adultos. Essa perspectiva encontra respaldo nos campos de experiência das DCNEI, que, ao integrarem linguagem, imaginação, corpo, interação e exploração do mundo, reforçam a importância da literatura como prática integral e formativa. Assim, os princípios freinetianos dialogam diretamente com a organização curricular da Educação Infantil, reafirmando a centralidade da literatura no desenvolvimento integral da criança desde os primeiros anos de vida.

A análise evidenciou que a literatura para bebês não é um adorno no currículo, mas um elemento estruturante da formação simbólica, cognitiva e social, capaz de nutrir, desde cedo, a imaginação, a criatividade e o prazer estético. Ao unir teoria e prática, a pesquisa reafirma que o diálogo entre a literatura e a pedagogia freinetiana amplia as possibilidades pedagógicas e fortalece o papel da Educação Infantil como espaço de descobertas e autoria.

As ideias de diferentes autores contribuíram para a construção desta conclusão. A pesquisa dialogou com estudos que destacam a relevância do papel do professor como mediador da leitura (Micarello; Baptista, 2018) e ampliam a compreensão da pedagogia freinetiana em conexão com a complexidade da formação humana (Fortunato; Porto, 2020).

De forma complementar, Munhoz e Prado (2022) reforçam a aplicabilidade do método natural em contextos reais com bebês, enquanto Buscariolo e Anjos (2022) ampliam a reflexão sobre a prática docente à luz dos princípios freinetianos em diferentes etapas de ensino. Nessa mesma direção, Carrero (2023) exemplifica a aplicação dos princípios do método natural em realidades concretas da Educação Infantil, apresentando um relato que guarda semelhanças com a vivência retratada neste trabalho.

O diálogo com Emmi Pikler foi igualmente fundamental para compreender a importância de ambientes que respeitem o ritmo, a iniciativa e o movimento livre dos bebês, princípios que se entrelaçam à mediação literária ao possibilitar que a exploração dos livros ocorra de forma espontânea e autônoma. Vigotski, por sua vez, contribuiu para a compreensão

de que a imaginação e a criação se manifestam desde a primeira infância, sendo nutridas pela interação social e pelas experiências simbólicas, elementos intrínsecos à leitura literária.

Assim, ao articular essas contribuições teóricas com a prática observada, foi possível confirmar que a literatura para bebês, inserida em ambientes de livre exploração e mediada por vínculos afetivos, concretiza o princípio freinetiano da tentativa experimental. Trata-se, portanto, de um caminho que promove, desde os primeiros anos de vida, a formação integral da criança, valorizando sua sensibilidade, curiosidade e potência criadora.

A vivência no berçário evidenciou que práticas inspiradas na livre experimentação de Freinet, como permitir que os bebês escolham, toquem, explorem e interpretem os livros a seu modo, fortalecem a relação entre criança, literatura e educador. A roda de leitura, nesse contexto, deixa de ser um momento formal para se constituir como uma experiência estética, sensível e interativa, na qual gestos simples, entonações e recursos visuais e táteis se transformam em pontes para a escuta e o encantamento.

Embora possua sólida base teórica, o trabalho de Freinet é, sobretudo, prático e voltado à experiência concreta. Sua pedagogia transcende técnicas, pois carrega um ideal de mundo. É preciso reconhecer que, ainda que as escolas atuais sejam, muitas vezes, uma amálgama de métodos, pensadores como Freinet concebiam não apenas um modelo de escola distinto, mas também um modelo de sociedade mais justo e cooperativo.

Todavia, a renovação desse espaço pode, e deve, partir do educador e de sua vivência cotidiana. Assim, mesmo em contextos que não adotem integralmente os princípios da educação natural, é possível afirmar uma prática freinetiana, construindo espaços de escuta, experimentação e liberdade que, ainda que em pequena escala, transformam o ambiente escolar em um lugar onde a literatura não é obrigação, mas descoberta.

Assim, entre o método e o afeto, este trabalho buscou não apenas discutir a inserção e a importância da leitura no berçário, mas reafirmar a potência da infância e a capacidade dos bebês de se constituírem como leitores. Em um cenário em que, cada vez mais cedo, as crianças são expostas a telas e conteúdos digitais, é urgente resgatar experiências que preservem o contato direto com a linguagem oral e escrita, com a materialidade dos livros e com a mediação humana.

Por fim, a autora desta pesquisa relata um dia marcante, decisivo para que chegasse a essa conclusão: a visita do berçário à biblioteca. Normalmente, era a promotora de leituras ou a bibliotecária que se deslocava até o berçário para realizar o momento de “Biblioteca”, que fazia parte da rotina dos bebês uma vez por semana. Ao questionar por que eles não poderiam ir até a biblioteca para ouvir a história da semana e escolher os próprios livros para levar para

casa, a educadora ouviu como resposta que seria difícil coordenar crianças dessa faixa etária no espaço, além do risco de que os livros disponíveis fossem rasgados.

Insatisfeita com essa justificativa, a educadora aproveitou um dia atípico, em que as outras turmas haviam sido dispensadas mais cedo, para organizar um pequeno tour. Dividiu os bebês em grupos, contando com o apoio das berçaristas que levavam aqueles que ainda não andavam, e insistiu que, ao menos dessa vez, conhecessem o espaço. A tranquilidade do dia, sem outras crianças na escola e com toda a equipe da biblioteca disponível, favoreceu a experiência. Mesmo que visivelmente receosa, a bibliotecária permitiu que entrassem por alguns minutos.

Assim, o berçário pôde vivenciar o ritual que faz parte dessa experiência: os bebês que usavam sapatos retiraram-nos na entrada, e todos puderam explorar o ambiente antes de escolher um livro. Para surpresa da equipe, muitos se dirigiram às estantes de livros de papel, ao invés dos exemplares destinados especialmente a eles.

Um bebê escolheu um livro e o entregou à berçarista. Naquele momento, já no final do ano letivo, a maioria aguardava com expectativa a roda de leitura. Nenhum livro foi rasgado; rapidamente, os bebês se organizaram ao redor da educadora para ouvir a história selecionada. Alguns, entretanto, se dispersaram ao avistar a cesta de livros que habitualmente era levada ao berçário, contendo os títulos destinados a eles. Talvez, pela familiaridade, preferiram explorar aquele acervo já conhecido.

Essa vivência materializa os princípios da Pedagogia Freinet, especialmente no que diz respeito à autonomia, à livre escolha e à experimentação como motores da aprendizagem. Ao permitir que os bebês participassem ativamente da escolha dos livros e vivenciassem o espaço da biblioteca, a prática rompeu barreiras simbólicas e físicas que, muitas vezes, limitam o acesso de crianças tão pequenas à cultura escrita. Tal experiência reforça a compreensão da literatura como um direito e um instrumento de expressão, interação e construção de sentidos, desde os primeiros anos de vida.

A experiência no berçário demonstrou que, mesmo em contextos institucionais com restrições, é possível criar oportunidades para que os bebês acessem, explorem e interajam com os livros de maneira autônoma e prazerosa. O episódio da visita à biblioteca exemplifica que, quando há confiança, planejamento e abertura para o protagonismo infantil, os bebês respondem com interesse, cuidado e engajamento.

Em vista disso, como afirma Freinet:

Os ensinamentos da escola inscrevem-se de uma maneira definitiva no nosso comportamento, precisamente na medida em que estão ligados à nossa vida profunda,

em que correspondem às nossas necessidades imperiosas e inclusive às nossas necessidades de cultura (Freinet, 1996, p.63).

Essa reflexão evidencia que a aprendizagem significativa ocorre quando as experiências escolares se configuram como expressão de vida. Nesse sentido, conclui-se que a literatura para bebês constitui um espaço potente para a construção de vínculos, a formação de leitores e o desenvolvimento integral das crianças. Mais do que uma prática escolar, se trata de um compromisso ético e pedagógico com a infância, que reconhece o bebê como sujeito de direitos, capaz de criar, escolher e se expressar por meio do encontro com a palavra.

Espera-se, assim, que esta pesquisa contribua para ampliar a compreensão sobre o lugar da literatura na Educação Infantil e inspire práticas pedagógicas mais afetivas, significativas e coerentes com os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dos bebês. Que a escola continue sendo um território de encantamento, onde a palavra dita, cantada ou encenada encontre, nos olhos dos pequenos, um mundo inteiro a ser descoberto.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo (Sp): Scipione, 1997.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2017.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil*. Brasília, DF: MEC, SEB, 2010. Resolução CNE/CEB nº 5, de 17 de dezembro de 2009. Parecer CNE/CEB nº 22/98.
- BRASIL. Instituto Pró-Livro. *Retratos da leitura no Brasil: 6.ª edição*. São Paulo: Instituto Pró-Livro; Itaú Cultural, 2024.
- BUSCARIOLO, Ana Flávia Valente; ANJOS, Daniela Dias dos. Trabalho docente e pedagogia Freinet. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 42, n. 117, p. 127–132, maio 2022.
- CARREIRO, Taila Deccottignies. *Práxis pedagógica e o método natural de Célestin Freinet: um relato de experiência*. 2023. 47 f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2023.
- COCITO, Renata Pavesi. A abordagem Pikler e a organização do espaço para bebês na educação infantil. *Revista Colloquium Humanarum*, v. 15, n. Especial 2, p. 7, jul./dez. 2018.
- COSTA, Maria Cecília Camargo. *O pensamento educacional de Célestin Freinet e suas aproximações aos ideais do movimento da Escola Nova*. 2008. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, 2008.
- COSTA, Maria Madalena. *Literatura infantil*. 2. ed. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2009.

FORTUNATO, Ivan; PORTO, Maria do Rosário Silveira. O método natural e o pensamento complexo: uma relação possível para a educação escolar. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 46, p. e219428, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1678-4634202046219428>.

FREINET, Célestin. *As técnicas de Freinet da escola moderna*. 4. ed. Lisboa: Estampa, 1975.

FREINET, Célestin. *O método natural I: aprendizagem da língua*. Tradução de Paulo Sérgio de Souza. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

FREINET, Célestin. *O método natural II: a aprendizagem do desenho*. Lisboa: Estampa, 1977.

IMBERNÓN, Francisco. *Pedagogia Freinet: a atualidade das invariantes pedagógicas*. São Paulo: Penso, 2012.

LOPES, Isabella. Hábito de leitura no Brasil perde espaço para redes sociais e para o ritmo da vida moderna. *Jornal da USP*, São Paulo, 5 jun. 2024. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/habito-de-leitura-no-brasil-perde-espaco-para-redes-sociais-e-para-o-ritmo-da-vida-moderna/>. Acesso em: 16/07/2025

MICARELLO, Hilda; BAPTISTA, Mônica Correia. Literatura na educação infantil: pesquisa e formação docente. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 34, n. 72, p. 169–186, nov. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.57996>.

MUNHOZ, Lucianna Magri de Melo; PRADO, Guilherme do Val Toledo. Pedagogia Freinet e o trabalho com bebês: desafios e possibilidades. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 42, n. 117, p. 133–142, jan./abr. 2022.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. A creche no Brasil: mapeamento de uma trajetória. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 43–52, jun. 1988.

PEDERIVA, Patrícia Lima Martins. *Educação e vida: enraizamentos na Teoria Histórico-Cultural de Vigotski*. 1. ed. Campinas: Mercado das Letras, 2023. v. 100, 371 p.

SILVA, Haile Dalla Cunha Saugo; DESIDÉRIO, Taís Regina. A literatura como forma de desenvolvimento afetivo, cognitivo e social na educação infantil: o olhar docente. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*, v. 6, n. 10, v. 4, p. 178–197, out. 2021. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/literatura-como-forma>. Acesso em: 14/04/2025

SOUSA, A. G.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos. *Cadernos da Fucamp*, Monte Carmelo, MG, v. 20, n. 43, p. 64–83, 2021.

VYGOTSKY, L. S. *Imaginação e criação na infância*. Tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009. (Trabalho original publicado em 1930).